

UNIDADE 7 – 19/04/2016

PROGRAMA 1 – SALA DE AULA: TEMPO DE FALAR, LER E ESCREVER

A exposição oral das ideias das crianças e seu papel na construção de saberes sobre a língua escrita

Que prática pedagógica pode assegurar a escuta dos alunos e tornar suas ideias objeto de investigação da própria turma?

O que as crianças que interagem com os textos dizem sobre diferentes aspectos da língua escrita?

Até que ponto é assegurado tempo na sala de aula para as crianças pensarem e fazerem a exposição de suas ideias, construindo conhecimentos na interação por meio do falar e do ouvir no coletivo?

Apesar da importância de considerarmos, na prática pedagógica, o papel da interação social no processo de aprendizagem, por meio do diálogo entre os alunos, muitas vezes ainda encontramos dificuldades para considerar esse aspecto na prática. Nem sempre garantimos o tempo suficiente para que os estudantes formulem e reformulem suas ideias diante de diferentes problemas, confrontando suas interpretações com as dos colegas. A própria cultura escolar ainda encara a atividade “aula” como o que fica registrado no papel. Se não há nada escrito, parece que não houve atividade realizada pelos alunos. Se na aula houve muito diálogo, perdeu-se tempo.

Situação similar ocorre com a leitura: se nós, professores, passarmos muito tempo lendo na sala, alguns alunos perguntam quando a aula vai começar. Se não tem atividade escrita relacionada à leitura, parece que ela não está sendo útil para a atividade escolar.

Nunca me esqueci do dia em que, há muitos anos, encontrei uma criança que tinha sido minha aluna na Escola do Centro de Atividades Comunitárias de São João de Meriti – CAC. Perguntei a ela como era a nova escola onde estava estudando e, curiosamente, ela me explicou da seguinte forma: “A outra escola é de aprender coisa de escola e o CAC é escola pra ler”. A resposta por si só já se explica!!!

Para a nossa breve reflexão, apresento algumas situações de sala de aula em que os alunos foram tratados como leitores e escritores, e a língua escrita foi trabalhada na diversidade textual, em seu uso social. Os alunos participaram diariamente de rodas de leitura, frequentaram a biblioteca, levaram livros para casa e escreveram textos de acordo com as suas hipóteses. A prática pedagógica buscava desafiar os alunos a investigar, formular e expressar oralmente ideias a respeito de diferentes aspectos da língua escrita, referente tanto ao conteúdo como à forma.

Situação 1

Durante a discussão da pontuação utilizada na história do Chapeuzinho Vermelho, numa versão editada pela Kuarup, Luíza apresenta uma ótima justificativa para o uso de uma exclamação na última pergunta feita por Chapeuzinho ao lobo:

“Vovozinha, por que essas orelhas tão grandes? (...) Vovozinha, por que esses olhos tão grandes? (...) Vovozinha, por que essas mãos tão grandes? (...) Mas, vovozinha, por que essa boca tão grande! (...)”

Luíza — A Chapeuzinho já tava achando a vovozinha tão diferente, tão estranha que ela nem perguntava mais. Ela tava tão apavorada quando perguntou da boca que o autor não quis botar a interrogação. Botou exclamação, pra quando você ler ter a ideia de que, naquela hora, ela já tava muito, muito, muito assustada mesmo. Então era muito mais forte o espanto do que a pergunta, por isso o autor escolheu a exclamação. A exclamação aqui ajuda a dar mais espanto quando a gente lê. Se continuasse a interrogação não ia dar tanto.

Luíza justifica a opção do autor em função da ideia, da sensação que quer causar no leitor.

A exposição oral da criança sobre o que pensa do uso da pontuação em diferentes textos, além de experimentá-la em suas produções, permite ao professor compreender melhor o “como pensa”, assim como permite a ela compartilhar, confrontar e modificar suas ideias no processo de interação com seus pares.

As situações seguintes estão relacionadas ao projeto de uma turma de 2º ano, desenvolvido em defesa das baleias. Na época, estavam lutando pela criação do Santuário do Atlântico Sul, pois o Japão e a Noruega matavam baleias. A turma elaborou uma campanha e produziu vários textos.

Situação 2

Escrita de carta

Conversamos sobre os diferentes tipos de cartas que já tínhamos lido. E em seguida surgiu o seguinte diálogo na turma, antes de se iniciar a escrita de carta para os consulados do Japão e da Noruega:

Profª — *Eu posso escrever uma carta para um consulado do mesmo jeito que escrevo para um amiguinho?*

— *Claro que não, né.*

— *Tem que ser mais parecido com a carta que vai da Direção pro pai.*

— *Pro pai não, aos responsáveis.*

— *Carta circular.*

— *Tem que ter senhor, atenciosamente...*

— *Essas coisas mesmo.*

— *Mas também, se eu quiser botar uma piadinha para reclamar, tem que poder. Porque eu estou muito chateada com essa história de matar baleias. Elas não fazem nada de errado.*

— *Só se ficar bem ajeitado no texto e combinar. Quando não combina, fica feio.*

Escrita de folheto

Pelo entusiasmo das crianças, a escrita de folhetos foi um dos momentos mais ricos do nosso processo. Lemos vários folhetos, discutimos a função desse material e o conteúdo que deveria aparecer.

Profª — *O que tem que ter no folheto da campanha?*

- *Informações sobre as baleias.*
- *De um jeito que a pessoa fique curiosa.*
- *Então pode ter algumas curiosidades.*
- *Depois tem que dizer que o Japão e a Noruega matam baleias.*
- *Dizer não, denunciar.*
- *É a mesma coisa.*
- *Não é não, dizer é mais fraco, denunciar é mais forte.*
- *Não tem diferença.*
- *Tem sim. Quando você lê que tá dizendo, é qualquer coisa. Mas se tá denunciando, você já sabe que é uma coisa muito errada.*
- *Tem que pedir para a pessoa entrar na campanha e, se quiser saber mais, vir aqui na sala.*
- *Tem que fazer cópias e distribuir para todos os alunos e pessoas que trabalham aqui na escola.*

Profª — *Então o folheto tem que ter alguns dados sobre as baleias, informações sobre o que o Japão e a Noruega estão fazendo, informar sobre a campanha e onde obter mais informações.*

Depois de escritos, os folhetos foram revisados pelos colegas, em duplas, e pela professora.

A possibilidade de as crianças elaborarem e apresentarem suas ideias, em um espaço onde elas realmente são valorizadas e significativas, pois são transformadas em objetos de discussão real, promove o crescimento da turma em busca de novas formulações e faz surgir uma postura de investigação. Os alunos compartilham suas explicações e, em um processo de interação, as reformulam, atuando como sujeitos do processo de aprendizagem e como parceiros de um grupo de estudos. Evidencia-se desenvolvimento significativo do respeito às construções dos colegas, da cooperação em busca do conhecimento, da capacidade de argumentação e do entendimento do próprio processo de evolução do conhecimento.

É fundamental que, na prática pedagógica, seja incorporado o espaço de reflexão coletiva, com os alunos, sobre as ideias que elaboram quando pensam sobre os diversos objetos de conhecimento que estão presentes na escola. Mas nem sempre é dado tempo suficiente para que o aluno formule e organize o discurso da sua explicação. É importante que o professor, além de atuar como informante, seja especialmente um provocador de discussões. As conexões ou divergências estabelecidas entre as explicações provocam um processo de

interação não só entre os estudantes, mas entre as próprias formulações que se entrelaçam. Nesse sentido, é necessário assegurar ao professor a possibilidade de incorporar efetivamente, na prática pedagógica, o tratamento das explicações dos alunos como objeto de investigação, dando a elas a real importância, por meio da audiência, das anotações públicas e da disponibilidade de tempo para a exposição oral durante a aula.